
RELAÇÕES ENTRE PAIXÕES DE IMAGEM E
VALORES SOCIAIS: ENTREVISTA COM
ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE

3

RELATIONS BETWEEN IMAGE PASSIONS
AND SOCIAL VALUES: INTERVIEW WITH
ELIZABETH HARKOT-DE-LA-TAILLE

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth

Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo
Professora Livre-Docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo
E-mail: beth.harkot@uol.com.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0822-6402>

ABRIATA, Vera Lúcia Rodella

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Docente Pesquisadora do PPG Linguística da Universidade de Franca
E-mail: vera.abriata@unifran.edu.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8772-8552>

BUENO, Alexandre Marcelo

Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo
Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
E-mail: alexandrebueno@gmail.com
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>

RESUMO

Em junho de 2020, o Programa de Pós-Graduação em Linguística teve a satisfação de receber o Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Livre-Docente do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo, para uma entrevista sobre a “Relações entre paixões de imagem e valores sociais”, realizada no ambiente Collaborate Ultra. Publicamos, nas páginas que se seguem, a versão impressa da entrevista. A pesquisadora tem graduação em Letras pela USP, mestrado e doutorado, também pela USP, em semiótica e linguística geral; Pós-

doutoramento pela Universidade de Liège, que foi supervisionado pelo professor Jean Marie Klinkenberg. Ela foi docente da PUC, de 1990 a 2006. É, atualmente, docente da Universidade de São Paulo, desde 2006, onde defendeu sua tese de livre-docência em 2013 pelo Departamento de Letras Modernas. Sua pesquisa se volta tanto para a área de língua inglesa quanto para o campo da semiótica francesa, abordando os seguintes temas: a construção discursiva da identidade, estereótipos culturais, imagens de si, paixões e interações sociais, aspectos retóricos e papel de componentes sensíveis no processo de significação.

Palavras-chave: semiótica francesa, imagens de si, paixões de imagem, vergonha.

ABSTRACT

In June 2020, the postgraduate linguistics program received Prof. Dr. Elizabeth Harkot-de-la-Taille, Professor at the Department of Modern Letters at the University of São Paulo, for an interview on “Relations between image passions and social values”, held in the Collaborate Ultra environment. The printed version of the interview is published in the following pages. Undergraduate degree in Letters from USP, Master’s and Doctorate, also from USP, in semiotics and general linguistics; Postdoctoral degree from the University of Liège and supervised by Professor Jean Marie Klinkenberg. She was a professor at PUC from 1990 to 2006. He is currently a professor at the University of São Paulo, since 2006; Professor at the Department of Modern Letters at USP, in 2013. And his research covers both the English language area and French semiotics. Not only the French semiotics, but also the discursive, based on the following themes: the discursive construction of identity, cultural stereotypes, self-images, passions and social interactions, rhetorical aspects and the role of sensitive components in the meaning process.

keywords: French semiotics; self image; image passions, shame; pandemic.

A entrevista iniciou-se com a apresentação do currículo da Profa. Dra.Elizabeth Harkot- de- la- Taille, realizada pela Profa. Dra Vera Abriata, do PPG da UNIFRAN, que agradeceu a presença da pesquisadora:

Vera: O projeto atual da Betty é: “Construção de efeitos de sentido de identidade no discurso”, e ela propõe uma reflexão sobre as condições de construção de sentido relacionadas à apresentação

de si no discurso e ao efeito de identidade discursiva. Um exemplo de descrições sobre relações entre identidade discursiva e valores sociais. Então, nós agradecemos, uma vez mais, a presença da Beth aqui entre nós. Agradecemos a presença de todos os pesquisadores em semiótica, nossos colegas e companheiros que estão aqui presentes. E, então, podemos passar a palavra à Beth para que ela possa falar um pouquinho para a gente a respeito da sua pesquisa. Depois, a gente abre para a entrevista, para a discussão a respeito da sua fala. Obrigada, uma vez mais aí, Beth! Alexandre, gostaria de falar alguma coisa?

Alexandre Marcelo Bueno - Não. Só pediria a gentileza que todos fechassem os seus microfones, que aí fica mais fácil nós escutarmos aqui a Beth neste momento. Beth, muito obrigado também por ter aceitado o nosso convite aqui. Tenho certeza de que será uma tarde bastante agradável, com muitas boas discussões. Obrigado!

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Bom, muito obrigada pelo convite! Boa tarde a todos e a todas! É uma grande honra estar aqui nesse evento da Unifran, convidada pela Vera e pelo Alexandre. Ver aqui no chat vários amigos, vários conhecidos.

E eu vou começar falando um pouquinho, né? Sobre o título que eu dei para minha fala e situar, um pouco, o tipo de pesquisa que eu venho fazendo. Não vou, acho, que me alongar muito, mas mais pra dar... a intenção é mais dar o quadro sobre o qual eu trabalho. Então, a primeira observação que eu preciso fazer é que eu trabalho com o arcabouço semiótico francês, né, basicamente. Também, um pouco com semiótica chamada cognitiva, que é do grupo μ , entre outros. Mas o meu foco principal não é... eu não me dedico ao desenvolvimento da teoria semiótica. Quer dizer, o que eu proponho que pode trazer algum acréscimo para a teoria semiótica é a partir de reflexões sobre a sociedade do ponto de vista desse arcabouço teórico. Então, o meu foco costuma ser tentar entender a sociedade, né? Tentar entender as nossas interações sociais, a partir daquilo, principalmente, que eu acabei chamando de Paixões de imagem. Bom, isso não é um termo – Paixões de Imagem. Eu acabo me referindo a um grupo de paixões, dessa maneira, porque elas têm em comum o fato de dizerem respeito à apresentação dos sujeitos em sociedade. Como eu estou falando em sociedade, é melhor eu falar a apresentação das pessoas em sociedade. A semiótica discursiva trabalha com o discurso e a gente se atém às questões, principalmente, bom, às questões discursivas. Eu estou usando para fazer uma reflexão sobre a sociedade nessa colocação aqui. Então, para não usar um termo

genérico como sujeito, quando a gente tá falando em sociedade, a gente tá falando de pessoas, né?

Então, essas paixões... E eu dou o exemplo principal de vergonha, orgulho e honra (esse sentimento de honra), que são agenciamentos de estados, né, que se dão em relação a como cada um se vê visto socialmente. Então, o que elas têm de especial, além de serem muito interessantes, é que elas são um ótimo indício do que que é considerado valor por determinado grupo social, tá? De novo, valor social – não estou falando em valor linguístico. Então, se nós pensamos em uma situação que cause vergonha, isso só pode ocorrer se o sujeito que sente vergonha se sentir em comunhão com os valores do grupo que o está julgando, observando... Só para dar uma ideia, a gente não costuma... Bom, a nudez é um caso clássico de gerar momentos de vergonha, de embaraço, tudo. Mas se nós nos flagrarmos vistos nus numa hora em que não estava esperando, por uma outra pessoa, é um susto né? Por outro lado, se a gente observa um passarinho nos olhando enquanto estamos nus é indiferente. Um cachorro que esteja olhando é indiferente. Não causa vergonha. Portanto, a gente não está... Nós não estamos nos julgando observadas e julgadas por um pássaro ou por um cachorro, caso de nudez no caso como a gente estaria diante de uma pessoa. Aquelas situações horrorosas né? E principalmente em situação pública, que sei lá! Vai usar o banheiro e a porta não estava trancada e tem alguém ali. Né? É sempre um embaraço, mas se aquele alguém ali for um cãozinho não acontece nada.

Mas, quando eu comecei a estudar a paixão da vergonha, a minha primeira ideia foi... Eu tive duas ideias que foram descartadas no projeto inicial: uma era fazer entrevistas com pessoas que se dispusessem, e foi fácil perceber que não é fácil ninguém falar sobre o que faz sentir vergonha ou quando que se sente vergonha. Então, não dava certo. As entrevistas não funcionavam. Eu pensei em optar por textos de jornal e comecei a fazer levantamento em jornais de grande circulação, quando que alguma coisa se colocava - remetendo em alguma matéria- que remetesse à vergonha. Naquela época, era o famoso bordão... ficou famoso, meio concomitantemente, o bordão de um jornalista, que tinha bastante audiência. Ele apresentava uma notícia e concluía com: “É uma vergonha!” Então, comentários econômicos, comentários políticos que eram feitos, ele concluía com “ É uma vergonha!” E lendo, procurando materiais nos jornais, eu percebi que o tema da vergonha só comparecia nos jornais como a vergonha que significa o que o outro fez. Então, no jornal nunca aparece a vergonha que eu sinto, a vergonha que eu

passo, sei lá... Mas é sempre um juízo de valor. Alguém na situação de observador da sociedade que determina o que certo político faz que é uma vergonha ou o que que foi um crime que aconteceu, que é uma vergonha. Mas a vergonha sempre comparecia enquanto juízo sobre ações de outros. Boris Casoy! Alguém lembrou! "Isso é uma vergonha!". O Luiz Henrique Pereira lembrou. Então, é sempre uma vergonha do outro que aparecia e eu queria entender o que que caracterizava, do ponto de vista do sentido. O que é isso que a gente chama vergonha. Da vergonha fazendo...

Bom, aí eu fui parar na literatura que é onde era possível encontrar situações, cenas em que a gente podia entender que determinado personagem estaria sofrendo de vergonha ou que havia... Primeiro era o foco da vergonha, mas, rapidamente, ocorria a dúvida né, porque... Bom, quando a gente fala em orgulho, a gente tende a pensar que orgulho é o oposto da vergonha. Mas tem orgulho ferido. Em que orgulho ferido se destacaria? Em que que diferiria de vergonha? Mas também, na definição de dicionário vergonha começa como ignomínia, como o negativo da vergonha e termina com honra. Então, vergonha é também sinônimo de honra. E a gente fala, a gente ouve, não raramente, algo do tipo "Tenha vergonha na cara!". Essa vergonha todo mundo quer que o outro tenha, porque é o equivalente à honra, né? Me inquietava bastante que a mesma palavra pudesse ser usada para descrever o mais abominável e o mais meritório de respeito. Então, alguém que tem vergonha na cara é alguém que age para não ter vergonha, né? Dá para brincar com a palavra, porque se tem vergonha na cara vai cuidar das suas ações para, justamente, não se expor numa situação em que vive o sentimento de vergonha.

Bom, e aí, tendo trabalhado com essa questão do léxico que coloca, né... Eu até usei a imagem de uma moeda... a vergonha parece ser como uma moeda, os dois lados da moeda, dependendo do modo como é olhada, ela é algo do qual se quer fugir. E dependendo do lado, quando é equivalente à honra é algo como: o respeito, o autorrespeito, a dignidade pessoal. É algo que se valoriza. Então, valorizada disforicamente, num caso, e euforicamente no outro, nos dois extremos de uso. E tem toda uma área que não é muito clara, mas de vergonha para orgulho, para honra, eu passei alguns anos estudando essas descrições, inicialmente, em literatura.

Depois, em filmes também. Eu tive uma orientanda que trabalhou com a obra do Chaplin - nos curtas-metragens do Chaplin,

principalmente. Depois, ela fez um outro era iniciação científica. Depois fez um outro projeto com média-metragem e fez a escolha do Luzes da ribalta. Então, no Chaplin é muito fácil a gente perceber... foi lá que eu tive a clareza para entender, como separar orgulho de honra, embora seja uma separação artificial. É uma separação didática.

Nas cenas do Chaplin, quando algo acontecia, por exemplo, ele conseguia ganhar de um grandalhão, fazer alguém maior do que ele perder a disputa. Ou quando, ah, no longa-metragem, o garoto, quando ele consegue fugir com o garoto e deixar a polícia correndo atrás que tão querendo retirar o menino dele. Ele consegue fugir com esse menino. Ele mostra orgulho, né?

Outra vez também, um guarda chega e vai se colocar... dar uma de valentão diante do Chaplin. Na verdade, do Carlitos, da personagem, e ele consegue enganar o guarda e ainda, assim, o guarda tá no chão. O Chaplin se apoia. Põe a perna em cima das costas do guarda e põe a mão assim como O Pensador, só que ainda vai acender um cigarro e solta, né, em direção ao guarda. Então, em todas essas situações, o Carlitos infla o peito, olha de cima para baixo, sorri... até faz uma banana em direção aos guardas. Mas em outras situações, quando, por exemplo, ele descobre a mãe do menino, né? - personagem do filme O Garoto - e devolve o filho para mãe e a mãe está repleta de gratidão e começa agradecer... o Carlitos desaparece de cena e é esse desaparecimento, esse apagamento que produz uma interpretação, uma leitura de que não se trata de orgulho. Ele está fazendo aquilo que ele considera certo e ele não tá comemorando isso. E era isso que podia contribuir para uma diferença entre o sentimento de honra, de dignidade ou sentimento de orgulho.

Voltando aos três, né? Ao vergonha, orgulho e honra. Os motivos de vergonha, orgulho e honra se misturam, mas eles têm em comum o fato de corresponderem a valores importantes naquele grupo. Esse em que eles estão, eles compartilham a situação de mostrador de certos valores. Dou um exemplo do universo feminino: há muitas, inúmeras propagandas. Há inclusive revistas voltadas a cirurgias plásticas. Portanto, há muita propaganda, há muito material produzido a respeito de beleza feminina, melhor dizendo, padronização da beleza feminina. Uma pressão social muito extensa sobre a mulher, a respeito de poder corresponder a determinados padrões de beleza. Então, se isso é um valor socialmente compartilhado, é fácil prever que falhar nesse quesito ou ser acusada de ser feia, de ser velha, pode, facilmente, mesmo que a mulher tenha a consciência de que são valores, digo, esse padrão de beleza, é

uma construção social que não necessariamente, não tem nada por que corresponderia ao valor da pessoa. Mas uma mulher que saia na rua, que aconteça alguma coisa, e alguém começa a gritar que ela é horrível, feia, velha. Ela vai se sentir agredida. Vai se sentir provavelmente ofendida, mesmo sem racionalmente concordar com aquilo. Em grande parte, isso ocorre, porque, desde cedo, né, as pessoas crescem, aprendendo que a menina tem que ser a princesa, a bonitinha, tem que sentar direito, não pode falar palavrão. Hoje em dia, muito mais liberdade foi construída a respeito disso.

Do ponto de vista do menino, muito mais liberdade foi, também, conquistada. Mas tem um filme de 2015, que eu acho fantástico, chamado *The mask we live in* (A máscara em que vivemos). Não lembro agora se é *we* ou *you*, se é a Máscara em que você vive ou a máscara em que nós vivemos. Fala da educação do homem – *We*, obrigada, Táis! A máscara em que vivemos, porque é a sociedade toda. O modo como a sociedade americana cria os meninos para serem homens. E esse filme focaliza, com destaque, a ênfase à independência, à capacidade de revidar uma agressão, ao não se mostrar fraco, ao não pedir ajuda. Ou seja, muita coisa que poderia parecer ultrapassada até hoje em dia, aquela história de “homem não chora”, “não pode levar desaforo para casa”, num filme de 2015, a gente tem evidência de que isso é muito forte ainda e que, para ofender um homem na rua, chamá-lo de feio não vai causar muito efeito. Se alguém quer ofender, provavelmente, vai apelar para questões de gênero ou hoje em dia, com a grande valorização do enriquecimento como prova de valor, chamar de pobre e de perdedor. Esses são só alguns exemplos, porque os conteúdos, né, que acionam o sentimento de vergonha ou de orgulho. Quer dizer, aquele sujeito, aquela pessoa que tem orgulho, porque tá andando num carro caro, bonito, novo, né? Tem gente que anda de carro, caro, bonito, novo e não necessariamente sente orgulho de estar lá. Pode estar contente, satisfeito, mas não é exatamente orgulho, né? Quem sente orgulho de estar numa situação assim é equivalente a uma história que uma vez eu ouvi em sala de aula, muitos anos atrás...

Engraçado... deixa eu ver comentário que tem aqui: “ Um dia um homem quis brigar comigo na rua e ofendeu o meu carro: Esse seu carrinho! Mas isso não funciona para gente, né? É mais entre homens. Ele não feriu o meu orgulho”. Pois é, eu também não me ofenderia com um homem falando “ esse seu carrinho”, coisa assim...

Nem todo homem vai se ofender, mas a história que eu vou

rapidamente relatar é de um aluno que eu tive, não era ainda na USP, muitos anos atrás, e que um dia estava com a mão vermelha e inchada e eu perguntei o que que tinha acontecido e ele respondeu que ele tinha brigado na rua, porque tinham ofendido ele. Eu falei “nossa! Mas o que foi que aconteceu?”. Aí ele já te respondeu já com uma certa raiva, né? Não raiva de mim, mas a situação era difícil para ele: “Ah, eu fiz uma besteira enorme! Meu carro quebrou e eu acabei topando ir para rua com o carro do meu tio, um Fusquinha. Uma porcaria de um Fusquinha para não falar exatamente o que ele disse. E, na rua, um idiota quis gozar da minha cara, porque eu estava naquele carro”. Olha só, um rapaz de 20 anos, porque dirigiu um carro aquém do que ele, cerca de 20 anos, aquém do que ele achava digno para representar a sua imagem de si. Alguém falou alguma coisa que ele entendeu como terem, sei lá, rido dele, por tá com aquele carro. Eu já nem ponho a mão no fogo que isso de fato tenha acontecido, mas ele desceu e bateu em quem fez isso. Era motivo de honra dele se defender, né, da humilhação do outro apontar que ele estava num carro pequeno, num carro velho, num carro... Esses valores, né?

Isso - só mais uma nessa linha - um exemplo mais requintado, de Humilhados e ofendidos de Dostoiévski. Há uma cena em que um alemão entra numa espécie de uma casa de chá e os alemães não são bem vistos na região. Então, tem isso também. Ele entra nessa sala de chá, pede o seu Ponche, começa a ler o jornal. Sabe aqueles jornais, como de hotel, que têm uma madeira de um lado e você vai folheando. Ele percebe o olhar insistente de um velho, de alguém numa outra mesa. Aí, ele abaixa um pouco o jornal né? A situação de tô lendo o jornal, aí abaixa o jornal para ver quem é que estava observando. Era um velho. Bom, ele faz um “Hum! Hum!” e continua lendo o jornal. Aí ele abaixa de novo. Aí ele encara o velho. Aí ele volta para o jornal. Aí ele abaixa de novo e bate o jornal na mesa, encara o velho com mais força. E o velho impassível. Aí, essa personagem interroga o velho e diz algo mais ou menos na linha “Por que é que o senhor está me olhando desse modo insistente? Silêncio. Aí, o alemão levanta, derrubando a cadeira, e grita “Quem o senhor pensa que é pra tá me olhando assim? Eu sou conhecido na corte, o senhor não!”. Bom, aí claro, todo mundo que tá nessa casa de chá dirige suas atenções para o alemão, que tá vermelho, diz ele de raiva, mas ele está indignado, porque aquele velho continua olhando para ele e em sua indignação, que é o que eu vou abordar daqui a pouquinho, ele agride o velho cada vez mais. Primeiro, ele só olha, porque ele quer o velho desvie o seu olhar. Aí, ele vai aumentando o grau de interação com esse velho. Ele levanta, ele fala que ele é conhecido

na corte. Ele grita. Só que o alemão era uma espécie de um coitado do lugar que estava, naquele momento, unicamente se aquecendo. Ainda para piorar as coisas, ele estava com seu único bem, que era seu cão que tinha morrido aos pés dele, debaixo da mesa. Então, o alemão faz um papel ridículo na defesa de sua, digamos, honra e da honra de sua cidade. Ele evoca até a cidade de onde ele vem, de Riga. Então, fica muito claro que, numa circunstância dessa, ser examinado por outro é um motivo de... É uma fragilização e algo que ele não suporta. Então, quando nós pegamos valores centrais, os... passaram a ser examinado por outros... A gente tem ditados em português, né? Que dizem que as pessoas são divididas em grupos, que os iguais seriam só de determinado nível. Eu estou tentando lembrar agora. Como é que era? Ah, é aquela frase “o que vem debaixo não me atinge”. Todo mundo já deve ter ouvido isso, né? É um modo de dizer que o outro não ofenderia, porque não é digno de ofendê-lo. Não é um igual. Mas quando se está num grupo de iguais, e eu falei que o Alemão vai reagindo com indignação, as atitudes consideradas como causadoras de vergonha, provocadoras de vergonha, se elas são julgadas assim à la frase do Boris Casoy “Isso é uma vergonha” e tal, elas despertam a indignação do grupo que vê, digamos, esse ofensor, esse sujeito que está fazendo algo vergonhoso e que não deixa de fazer.

E é na indignação que eu faço uma pequena ligação, desse trabalho, que agora eu dei um salto né? Desde 1990 lá, agora 2020 que a gente está, mas esse período não só 2020, em que nós temos, lembrando do título da palestra recém dada pela Diana Luz Pessoa de Barros, né? Sobre a pandemia das fake News. Então, estas fake News, em grande parte, abusam do poder de despertar indignação. Então, esse sentimento de vergonha, lembra que eu falei no início, né, que vergonha tem no dicionário as duas partes. Então, quem tem vergonha na cara, age de modo a não passar vergonha. Então, é o sim ou não. Em fake News, ninguém tem vergonha na cara na acusação. Todos são vergonhosos. Os atos que fazem, que são veiculados como acusações sobre, seja político, artista, seja quem for, mas sempre são atos que despertam a indignação. Despertam a indignação e, com isso, contribuem para a coesão social do grupo que reage se indignando contra aquelas coisas vergonhosas que os acusados estariam fazendo. É uma manipulação passional extremamente eficiente que tem sido levada a cabo já há algum tempo. É muito difícil desatar essa manipulação, porque ela apela fortemente e diretamente no sentimento daquilo que vale a pena a pessoa, digamos, quem passa adiante esse tipo de fake News, muitas vezes, tá vivendo uma verdadeira indignação e acredita que eu passando aquilo, eu sou incapaz de fazer

aquilo. Então, eu vou passar para a gente como eu que vai se irmanar na minha indignação e que vai condenar estes atos abomináveis de pedofilia, de roubos, de fortunas etc., ou então, as ridicularizações que eu me lembro de adesivos horrorosos que circularam uns anos atrás, em torno... da boca do tanque de gasolina, sugerindo estupro. Conforme a pessoa fosse abastecer o carro, a sugestão é que estariam estuprando principalmente a Dilma, o Lula e etc. Eram adesivos em montagens horrorosas em posições absurdas e o cano da gasolina seria justamente o papel do falo, do pênis. Então, a motivação disso é, por um lado, fazer os iguais rirem daqueles outros que são apresentados como menores. Por outro lado, fazer se indignarem, quando acusam de mentiras, mas irmanam os grupos que se acham distantes desses motivos de vergonha, que não colocam essas transgressões como parte de sua identidade, mas da identidade do inimigo que tem que combater. Então, quando comecei a estudar isso lá atrás, eu não imaginava, óbvio que podia acontecer o que aconteceu pelo Brasil, mas o poder manipulatório que provocar a humilhação alheia tem é assustador. E ao despertar um grande sentimento de indignação, permitir esse espalhamento de notícias falsas que causam indignação, solidifica-se um grupo que se considera do bem, porque não faz essas coisas e chega até, só para amenizar um pouco, né, não deixa de ser engraçado, e eu vou citar dois candidatos, quando eram candidatos à presidência. Que aquele que surgiu como... Ah, desculpa não vou citar... Mas aquele que surgiu como defensor da família estava no terceiro ou quarto de casamento e quem surgiu como depravado, contra a família, sempre teve a mesma mulher há mais de 30 anos e continua casado com ela. Então, essa propagação de Notícias falsas, mesmo sem ter lastro nos dados de realidade que a gente tem, produz essa irmanação de grupos em torno de pretensas boas ações. Vamos limpar o mundo dessa sujeira toda! E, nesse sentido, eu não sei... eu acho que... eu só consigo imaginar, né, pensar em como combater esse movimento e não falo só em fake News de um lado do espectro político não. Eu já caí em fake News do espectro político, do qual eu me sinto participante, porque apela para a indignação. E já também, num dado momento, eu achei que eu tinha caído, pedi desculpas e só muito tempo depois descobri que aquilo não era mentira. Foi um momento em que eu recebi, por WhatsApp, a divulgação de um congresso que aconteceria em São Paulo, chamado Flat Con e vinham os blogueiros famosos, falando sobre Terra plana. Faz muito tempo isso, hein gente! Foi no começo de 2019, falando sobre Terra plana. Então, os grandes destaques eram influenciadores, eram blogueiros e, ao final, vinham símbolos do Governo Federal e do Governo Estadual como financiadores. Eu fiquei furiosa quando eu vi aquilo, passei adiante. Falei “olha que

absurdo e tal!”. Depois, eu me acalmei, acabei pedindo desculpas para quem eu passei e uns meses atrás, esse congresso de fato estava acontecendo e com esses financiamentos. Era tão absurdo! Quer dizer, no primeiro momento, eu reagi com indignação. Depois, eu reagi pela razão e a razão falou “não, pera aí! Você tá sendo manipulada! Isso não é possível!”. Só que era e o congresso aconteceu. Foi aquele congresso da Terra plana que cada participante tinha que pagar - que sentia vergonha de votar no defensor da família – Mas o congresso de fato aconteceu. Parece que era R\$ 500 aí a participação, para participar nele, né? Então tinha que ter bastante dinheiro e a gente enquanto... a gente vira vítima passional dessas coisas. Então, eu acho que merece, sabe?, acho que até um estudo, até um grupo para poder contribuir, porque sozinho é muito difícil lidar com isso. E com o bombardeio de notícias falsas causando indignação, pouco tempo existe para que as pessoas pensem, reflitam se aquilo faz sentido, né? Já vem outra e outra e outra e outra e o mundo acaba se dividindo entre as pessoas de bem e as pessoas que não prestam, como se houvesse uma separação clara e nítida entre pessoas desse jeito. E como se só existisse bem de um lado do espectro político e como se só existisse mal de um lado do espectro político.

Bom, basicamente é isso. Eu até falei muito mais do que eu tinha previsto. Peço desculpas. Eu falei para a Vera, eu corro o risco de me entusiasmar, né? Mas eu acho que essas paixões são fortes aliados para a gente identificar os valores sociais que estão regendo determinado... a coesão e a tensão em determinados grupos. Elas são quase uma bandeirinha falando “Olha aqui tem coisa importante para pensar, né? Então é isso! Eu devolvo a palavra para vocês! Obrigada!

Alexandre Marcelo Bueno - Beth, obrigado pela sua fala extremamente rica. Muito agradecido aqui pelas questões que você vai levantando agora para nós. Eu queria, então, abrir, na verdade, para o debate agora, para que a gente possa fazer... Porque a nossa ideia era de fazer uma conversa mesmo e acho que aí a sua fala motivou uma série de questões aqui. Então, eu informo a todos que quiserem fazer pergunta, pode ou sinalizar e abrir depois a câmera, ou a gente pode ir... eu vou moderando pelo chat aqui para quem quiser fazer alguma pergunta, colocar alguma questão. Mas acho que só pra gente já poder conversar um pouquinho mais sobre essa reflexão que você trouxe aqui para nós, que é uma reflexão que você traz aí já há bastante tempo não é? Essas paixões, esse lugar social das paixões... Eu fiquei pensando assim: você mandou uns textos que você trabalha com discursos sobre os agentes penitenciários, né? E eu fiquei pensando... e agora você falando... na

sua falta também eu voltei a pensar nisso, em como é necessário nós desenvolvermos estudos, trabalho que falem sobre essa questão da masculinidade, né? Como nós temos como sociólogos e psicólogos que falam da masculinidade tóxica, mas que nós temos ali um campo de estudo para refletirmos e pensarmos nessas... não só apenas nas novas masculinidades, mas também nessa masculinidade tradicional, não é? Nesse sujeito padrão de que fala o Bourdier, essa masculinidade branca, cristã, heterossexual. Acho que esse seu trabalho, ele também, digamos, mobiliza bastante todo um campo de estudo que está sendo desenvolvido neste momento e que tem consequências práticas também, né? Porque hoje nós temos grupos de estudo, grupos de... rodas de conversa para que os homens possam rever essa imagem, não é? Então, eu acho que essa é uma questão que o seu... que a sua fala, hoje... os seus estudos me mobilizaram, digamos assim, como sujeito. Muito obrigado, Beth.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Nada! Imagina! Eu só queria dizer... Esses dois trabalhos que eu pude enviar nessa situação de pandemia e isolamento, né? A gente acaba não tendo disponível tudo exatamente o que queria. Eles são dois ângulos de ataque distintos sobre entrevistas com agentes de segurança penitenciária. Então, são eles que falam e, a partir do modo como eles falam né?, que eu acabo analisando os elementos que surgem lá. Eu gostaria até de ter enviado alguns trabalhos mais recentes, mas eu não tinha como. Mas esses já dão para conversar, né?

Eu vi algumas questões aqui. Nossa! Tem algumas que eu não sei muito como responder. Nossa! O Luiz Henrique... eu posso ver do chat e ir falando. Então, Luiz Henrique Pereira pergunta: “Estamos no mês do orgulho LGBTQIA+. Como você analisa essa paixão no contexto de resistência desse grupo e na (re)construção de identidades e valores sociais?”

Luiz Henrique, primeiro preciso dizer que eu nunca me dediquei a estudar o movimento LGBT e tal, então, vou te responder mais como uma pessoa que respeita o movimento e não como uma estudiosa. E tendo estudado, gostando de estudar orgulho, vergonha, eu acho que... Bom, é claro que a paixão orgulho surge associada ao movimento, primeiro momento, porque também veio associada ao movimento negro. Então, os movimentos de resistência se apoderaram da ideia do orgulho e, do meu modo de entender, é porque é uma reação ao julgamento, ao juízo social de que ser negro seria vergonhoso; de que ser LGBTQ seria vergonhoso... Então, eu entendo como um contraponto ao discurso vigente, ao discurso

mainstream, basicamente, seja contra o ser negro, contra o ser LGBTQI. Então, nesse sentido, a ideia de orgulho serve como um chamamento para a coesão social nesse grupo e falar “Olha, você não tem motivo para ter vergonha de ser uma pessoa com as características que você tem, né? E é uma questão, é um paralelo muito pequenininho, mas também não deixa de ser... sei lá! Pode trazer alguma provocaçãozinha aqui. Quando eu era criança – Bom, eu descendo de poloneses. Não só, mas o principal é de poloneses - eu lembro de aprender que a palavra polaca e mesmo criança adolescentezinha, era comum falar “Ah, a polaquinha não sei o quê... E aí eu aprendi que a palavra polaca significava também prostituta. Aquilo foi um choque para mim. No começo da adolescência eu fui descobrir, entender, mas uma família muito tradicional. Então, imagina, a palavra prostituta não existia no vocabulário e de repente eu lia alguns textos de história e, no Paraná, as prostitutas do porto, parece que num determinado período, as mais famosas eram as polacas. Tem até música do João Bosco que fala das polacas e tudo, né? Mas enquanto adolescentezinha, passando da infância para adolescência, eu me senti caracterizada como prostituta, porque era polaca e eu falava “Mas isso não é justo tratar as pessoas assim!”. Hoje em dia, honestamente, eu tenho muito mais respeito por prostitutas do que por muitas outras pessoas, né? Mas naquela época em que tava entrando na adolescência, ser chamada, ser vista como prostituta, para mim era uma tragédia. E demorei um pouco para entender que polaca que não queria dizer só isso né? Mas aí, eu entendo o orgulho, porque se eu tivesse convivido num grupo acusado de fato assim de que devia ter vergonha de ser quem você é, né? E o que que eu sou? Eu nasci aqui e agora, por acaso, né? Um pai e uma mãe se encontraram. Os avós se encontraram, né? Que responsabilidade eu tenho, né? De onde eu venho e como é que eu nasci. Mas ser acusado de dever ter vergonha por ser quem é, eu acho que tem um modo de reação, de resistência é esse mesmo! Se unir e falar “Não, então olha, nós vamos ter que... a gente tem que resgatar o orgulho em quem nós somos. Nós somos pessoas em primeiro lugar”. E as críticas não são ao fato de você ser pessoa, mas ao fato de você ser a pessoa com característica determinada x ou y ou z. Pega uma parte pelo todo. Então, isso é o que me suscita, Luiz Henrique. Não sei se eu consegui responder satisfatoriamente, tá? Eu vi o que... Alguém quer falar alguma coisa?

Alexandre Marcelo Bueno - Tem uma questão da Eliane aqui também, nossa amiga Eliane Soares de Lima. Aí ela diz assim: “Beth, ouvindo você, fiquei pensando aqui no caso da “vergonha alheia”. Queria que você falasse um pouco sobre ela.” É porque é um fenômeno

bem interessante também de sentir vergonha pelo outro né? Na relação do outro.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Lá na minha tese lá em... Nossa! Muitos não estavam nem nascidos aí ainda dos que estão na plateia. Em 96, eu chamava de vergonha por contágio tá? Então, a vergonha por contágio pode ser desde aquela situação em que... Bom, novamente, quando eu era criança, parecia que ninguém tinha em sua família nenhum caso de problema de formação no sentido físico ou mental, criança com algum problema ou um parente alcoólatra. Não! As famílias pareciam ser todas perfeitas, né? O que não era perfeito era escondido. Inclusive, eu me lembro do choque de descobrir, uma vez, visitando um casal, eu frequentava a igreja com os meus pais e tudo... Indo à casa desse casal e escapou do quarto uma filha que tinha Síndrome de Down, que ficava presa no quarto. Eu lembro do susto e a vergonha alheia, sei lá, mas, pelo menos, o que eu chamei de vergonha por contágio. Quer dizer, imediatamente, ficou clara nessa cena, os pais ficaram com vergonha da filha. Não com vergonha de manter a filha presa, mas, da filha ter escapado e aparecido numa situação social. Eu fiquei com vergonha por causa da circunstância que estava acontecendo. Eu não tinha motivo nenhum para sentir vergonha naquela hora, mas vê uma menina cujos traços eu não conhecia quase. A gente... não ela... pessoalmente... Mas quando eu era criança não se via crianças com Síndrome de Down, adultos na rua. Eles ficavam guardadinhos em casa, né? Então, eu vi uma pessoa com traços diferentes e vi o constrangimento dos pais, pedindo desculpas e dando um jeito de recolher a filha de novo. E eu me senti profundamente envergonhada. Eu não sei bem dizer do que, eu acho que era da raça humana naquela hora. Ou não sei dizer, mas era uma vergonha por contágio. Essa vergonha também como eu entendo por contágio, pode ser também, sabe? A época que começou a surgir e disseminar-se o vírus da AIDS, né? Era uma vergonha quem tinha falado... foi uma grande luta da mãe do Cazuza para manter a imagem dele viva e acima da ideia de que era aidético, como se dizia. Então, eu suponho, que vergonha alheia pode ser também... a gente... Se a gente sente vergonha, é porque de algum modo, em algum nível, a gente tá compartilhando de conjuntos de valores. Eles podem não ser exatamente os valores daquela pessoa que tá fazendo papel vergonhoso, né? Mas a gente pode sentir vergonha de ver o Brasil entrar no... O Brasil não! Os residentes brasileiros entrarem no grupo que, a partir de 1º de julho, é proibido de ingressar na Europa. E sentir vergonha disso por quê? Todos nós estamos em isolamento. Estamos fazendo o que a gente pode, mas a gente pensa em um grupo maior e que tem uma ação não

coerente, que tem vários tipos de formas de olhar a pandemia, inclusive, diminuindo-a, falando que sei lá... sem se importar com as mortes que ela causa e isso pode sim causar vergonha na gente, mesmo que a gente não esteja pensando em enfrentar a polícia de fronteira para entrar na Europa ou mesmo que a gente cumpra... faça o melhor possível para não disseminar a Covid. Então, nesse sentido, acho que é isso.

Tem uma questão aqui. Deixa eu ver. A Nayara... tem alguém antes da Nayara? Vergonha alheia...

Alexandre Marcelo Bueno - Oh, Beth, eu só queria aproveitar o que você acabou de falar e também te perguntar... Porque, assim, agora nesse momento da pandemia, nós temos, digamos, de um lado, discursos de precaução, de cuidados e de solidariedade. Nós temos, de outro lado, uma negação de todo esse estado que estamos vivendo. Discursos anti-ciência e tudo mais... E me parecem que existem grupos conservadores, na sociedade brasileira, que têm orgulho, por exemplo, de não se comportar de maneira mais precavida neste momento. Eu vi, esta semana, no Jornalistas Livres, um rapaz que estava sem máscara no metrô e o segurança tentando dialogar com ele para que ele desse um jeito, porque ele não poderia ficar naquele ambiente daquela maneira. E aí ele meio que bateu no peito, dizendo “Não, mas eu sou bombeiro. Eu sei o que eu estou fazendo. Você não pode falar desse jeito comigo”. Então, parece que tem orgulho de uma certa ignorância, de viver sob um certo risco também, né, por parte desse grupo que nós temos observado aí. Eu não sei o que você pensa sobre isso...

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Olha, eu acho... eu estava olhando também aqui no site tem uma questão sobre mulata que eu vou deixar para daqui a pouco, porque a Diana eu vi que tá aqui. Que alegria, Diana, poder... Não tinha percebido que você estava aqui. Se liga com o que você tá dizendo. Você fala do bater no peito e não usar máscara, mas a Diana tá perguntando “Como eu trato a perda de vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico, intolerante no geral que acontece atualmente?”.

É muito difícil sempre, a gente falar sobre o que tá acontecendo no momento. A Diana sabe fazer isso muito melhor do que eu. Eu consigo fazer melhor quando passou um pouco tempo, mas a gente tem, atualmente, uma dissociação de grupos em que parecem mundos paralelos e, atualmente, desde antes das eleições, são as notícias, as matérias que um grupo lê, o outro não lê e vice-versa. São poucos os

que conseguem ver dos dois, mas, com isso, e a quantidade de veículos que existem, de blogueiros, de influenciadores de... a gente tem a TV Bolsonaro, né? Eu vou até procurar aqui se ainda tá funcionando. Sim! Então, deixa eu achar vocês de novo. A TV Bolsonaro foi lançada, né, a partir de um aplicativo que você pode ter no celular e você tem acesso, segunda a propaganda, em primeira mão, das notícias importantes do governo, né? E entrevistas com membros da família e debates sobre as questões realmente importantes para o Brasil. Ora, é claro que, se fosse uma TV PT, durante o governo do PT, seria acusado de aparelhamento ideológico. Hoje, a gente tá num contexto muito mais complicado, mas se a gente conseguisse imaginar uma TV PT, que você pudesse baixar por aplicativo no celular e que só teria as notícias que o PT escolhesse circular, com entrevistas com petistas importantes e com debate sobre os assuntos que os petistas consideravam relevantes. Bom, tá na cara que isso... ia ser tendencioso, né? Não precisa nem dizer sobre a situação atual. Então, voltando para a questão, né? Do... tentando voltar... Não ter vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico, intolerante, que me parece aqui na base disso e também na postura de enfrentamento desse rapaz no metrô. Na base disso, tem essa enormidade de fake News. Eu cheguei a enviar de volta a notícia. “Notícia”. Desculpe! Nem poderia falar o nome notícia, mas o post explicando o porquê que o Jean Wyllys seria pedófilo. Eu procurei na internet. Foi um parente que me enviou. Eu mandei de volta e falei “Olha, esse assunto é motivo do processo tal, tal, tal, tal. Você disseminando isso, você também pode ser processado. Então, mas normalmente isso não acontece, as pessoas divulgam qualquer absurdo e perderam realmente a o senso do que é razoável, como notícia. Quer dizer, você fala que o Fulano é pedófilo e sai acreditando, né? E... deixa eu só achar a fala da Diana de novo aqui. A perda da vergonha de ser preconceituoso, racista, homofóbico... Nesse contexto em que a gente tá, um grupo se considera detentor do bem, porque está diante de um outro tão horripilante, sabe? O outro desse grupo é composto de vagabundos, de folgados, de pedófilos, feministas que, na verdade, querem é a humilhação dos homens, né? É toda uma história que torna o país dividido mesmo, em pelo menos dois, e um grupo vê o outro como o mal. Então, eu acredito que aí... não tem... não se sente mais parte de... Eu me lembro do Lottman, do texto do Lottman Semiótica dos conceitos vergonha e medo. A vergonha é aquilo que a gente sente num grupo de iguais, num grupo de nós, nós pronome. Medo é o que a gente sente do outro. Então, temos dois grupos no Brasil em que um se considera o “nós brasileiro, patriota” e o outro é o mau. Aí são só as regras do medo que valem. Então, eu tenho que partir para o medo. Então, não tem preconceito contra alguém que é tão ruim, não

tem racismo, não tem homofobia e intolerância. São tão ruins que eles merecem ser espezinhados, mas se for dentro do próprio grupo, aí não! Aí a coisa é diferente. É claro que não nesses termos. Eu acho também que para o uso da máscara, é tão óbvio que essa doença é invenção da esquerda, sabe? Eu sei do que eu tô falando! Eu sou bombeiro, sei lá! Eu não vou me submeter a essa ideologia da esquerda que criou essa doença para complicar o governo atual no poder, né? Isso que me ocorre. Eu acho que é por aí! É pelo medo que as coisas começam a se regular, porque não tem mais vergonha, não tem mais um grupo de nosotros, vai! Para não pago não confundir com nó de gravata.

Deixa eu ver aqui... Isso que Diana falou... Então, a vergonha tá no campo da neurose. A falta dela no da perversão. A Aline tá falando: "Interessante pergunta da Diana. Do ponto de vista da psicanálise, aí eu não entendo, tá? A vergonha está no campo da neurose. A falta dela, no da perversão. Beth, você acha possível considerar, neste caso, um funcionamento social perverso?". Ah, enquanto funcionamento social, sim! Sem dúvida. Eu não teria coragem de falar sobre as pessoas. Cada um sentindo vergonha ou não sentindo vergonha. Aí, mas sim, do ponto de vista do funcionamento social, sim. Não somos um Brasil, somos... quer dizer... uma parte da população se considera brasileiros legítimos e o outro... e os outros são... precisam ser expurgados. Lembra que, no discurso de posse do presidente, ele falou que ia expulsar todos os vermelhos comunistas etc. Aqui, na verdade, não é nem quem não se dobrasse. É que eles tinham que ser expulsos. Então, como tem um inimigo tão horrível assim, não tem como ter conversa com ele. Não é par meu. Eu quero distância de um inimigo tão horroroso, né?

Então, deixa eu ver quem mais... Luiz Henrique Pereira: "houve um retrocesso em relação à intolerância com os grupos vulneráveis socialmente, pois se antes o preconceito era velado, agora é questão de orgulho expor esse preconceito". Pois é, virou orgulho, porque... junto com... ah bom... têm questões econômicas também, né?! E interesses econômicos. Então a gente não pode... ser ingênua, e achar que é apenas discurso, mas existe o poder do capital... os grupos que querem que... a população trabalhe, porque senão os seus lucros vão diminuir. E aí quem... tá numa situação socialmente mais vulnerável, acaba sendo exigido e... Claro, bom, nós tivemos um retrocesso de direitos trabalhistas, de direitos de toda ordem, né!? Então, o poder bruto se embruteceu mais ainda, e... essa... Quer dizer, se é considerado uma coisa de comunista pensar em... os grupos mais vulneráveis terem o direito a respeito e atendimento, né!? Vamos pensar, que olha, o ideário neoliberal, né!? Não sou muito... não

conheço profundamente, mas é muito claro que é o “cada um por si... vai... você faz a tua vida, você batalha... então você vai vencer com o fruto do seu trabalho, e tal, né!”... Mas há um acirramento tão grande dessa diferença que... quer dizer, se você vence, se você acredita nessa história contada socialmente que se você trabalhar, você vence. E... se... você vê outros que não venceram, você vai achar que aqueles não lutaram para vencer. Faltou ler o Merton, né? O Robert Merton que é, acho que um livro da década de 50, de sociologia, e que ele já levanta a ideia de que a sociedade vende uma história, que ela não cumpre, né? Então, você pode trabalhar malucamente. Se você nasceu pobre, você não vai se tornar rico com o fruto do seu trabalho. Você vai se tornar rico, se você usar de outras... ah... não é levantando às 6h da manhã, chacoalhando no trem, trabalhando de monte, né? Então... eu acabei pulando o que eu ia dizer... deixa eu ver se eu consigo recuperar... ah aqui: os grupos... o preconceito era velado... Então, antes, eu diria que nós éramos uma sociedade... ainda com um grau de coesão, e que hoje não, são... sabe? Quem trabalha tem a recompensa... do trabalho ou de Deus, quem não tem a recompensa é porque não trabalha, então não merece apoio, não merece política pública. Eu há uns meses atrás, entrei na página do partido liberal, e... é alguma coisa de causar falta de ar, primeiro eu comecei vendo um elogio à escravidão, porque no tempo da escravidão, os negros tinham casa, tinham comida, eles eram acolhidos nas famílias, praticamente como membros da família, e nenhum patrão queria que o seu escravo morresse, então cuidava bem do seu escravo, dava-lhe condições para que ele trabalhasse bem. Hoje em dia, no Brasil, já faz quase um ano isso, hoje em dia no Brasil tem uma escravidão muito pior: os empresários são obrigados a pagar uma parcela de impostos para que grupos de pessoas que não trabalham recebam programas sociais, recebam o bolsa família, então a escravidão dos empresários na sociedade brasileira é insuportável, é muito pior, olha o raciocínio, sabe? É uma... é uma quebra do contrato fiduciário, sabe? O que é escravidão... passa a valer outra coisa, o que é, aliás jornalismo abusou disso, né? Chamando de polêmicas as declarações, muito tempo falou que declarações de muitos desses aí eram polêmicas, e eu, algumas vezes, eu falei: “não elas são abomináveis, não são polêmicas”. Polêmica é questão, tá no âmbito da opinião, você discute, você é a favor, você é contra, mas declarações abomináveis são inaceitáveis, são contra os padrões de convívio social, né? Então dizer: “eu não te estupro, porque você é feio”, não é polêmico isso, isso é abominável. E recentemente têm umas outras aí surgindo, também, umas outras vezes tá surgindo polêmica, é o Coringa do momento, né? Quando o jornalista não sabe muito bem como classificar, ou não quer correr o risco, fala

que é polêmico. Então eu acho que, em relação a grupos vulneráveis, é essa... sabe? Eles, por um lado, mostram que pra alguns, pode parecer que essas pessoas não estão trabalhando o suficiente pra receberem o seu sustento. Então, tão querendo que outros trabalhem por eles, né? Coisas assim. Então, deixa eu ver o que mais que tem: pouca vergonha... Taís fala: “isso Luiz”..., se você puder me ajudar, eu estou um pouco perdidinha aqui, bastante coisa...

Alexandre Marcelo Bueno - o próximo seria o do Américo mesmo, mas antes tinha só um comentário que a Nayara fez, Beth, que eu também pulei aqui, ela diz assim: “Beth, sua fala me despertou para o fato de que, talvez, possamos rever o que nos deixa envergonhados, por meio dos valores que possuímos. Obrigada, foi bem elucidativo”. Então, é uma observação, um comentário aqui da Nayara, que aluna aqui do programa. E aí tem uma questão do Américo, que fala assim, nosso colega da UFC, muito bem-vindo Américo! Então ela fala assim: “parabéns, obrigado, Beth, no seu livro, você cita a frase do Tomas Fuller – aquele que não tem vergonha não tem consciência –, você poderia falar da relação entre vergonha, consciência e ideologia?”. Acho que você pode ficar mais umas 2 horas aqui rrsrs.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Isso que eu ia dizer... Américo, eu não saberia como falar e em pouquinho tempo sobre isso. Eu precisaria me preparar. Vamos combinar pra em uma outra ocasião falar sobre esse enfoque? Pode ser interessante, mas é muita coisa que suscita, e... eu lembro que depois eu que eu usei essa fala, eu a vi dentro de um contexto que me fez questionar, sabe? Puxa! Será que eu deveria ter usado aqui... e não sei o quê! Mas tem muita coisa para dizer aí, e eu não tenho coragem de falar como uma resposta rápida, não. Tá?! A gente podia falar disso no momento... numa conversa de... de sei lá, de plataforma, sejamos nós dois, ou num outro contexto.. Deixa eu ver... Taís: “o fato de não escondermos mais nossos parentes com Down, os nossos parentes gays, é visto por esse grupo como pouca vergonha”. Bom...

Alexandre Marcelo Bueno - Beth, tivemos aqui algumas discussões, a Camila citou um trecho do seu trabalho, do seu livro, não é?! Para a própria Aline, enfim, que ela tinha identificado aqui um trecho: “a vergonha é uma primeira fobia, dá uma consciência que se vê com o objeto que ainda sabe que esse objeto ainda é ele mesmo como sujeito” do Lankilevich. Aí tem uma pergunta da Flávia Karla... ela fala assim: “fico pensando em um sujeito que apoiou um suposto herói,” como o Bolsonaro, o Moro no passado, acrescentando – no passado Collor, né?!,

“... lida com a vergonha suscitada diante da desmistificação da figura desse herói, que aos olhos de um coletivo maior nacional e internacional, sempre foi visto como o anti-herói. No daqueles que conseguem abrir os olhos, deve ser intenso conflito entre a imagem de si, o eu mesmo e o eu coletivo”.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Eu desliguei ao invés de ligar... não, desliguei o microfone quando eu achei que ele estava desligado... Então, essa questão que Flávia coloca é bastante delicada ela lida com muitos aspectos ao mesmo tempo, mas também com o esquecimento. Eu me lembro de... para algumas pessoas, na época ainda da campanha, eu levantar a questão: “mas como você consegue justificar ou conciliar com a tua história de vida, votar em alguém que defende tortura”. Eu dizia para mim: “esse é o divisor de águas maior, é o grande divisor de águas”, porque ele... defender tortura concentra em si tantas questões relativas ao valor do outro que para mim me leva a pensar em dois... em duas qualidades de pessoas: as que não defendem e as que defendem – as que são contra a tortura. E primeiro me dizer um: “Ah! Imagina! Ele só fala isso, mas ele não vai fazer nada”. Então era a estratégia da minimização, do que o histórico mostrava sobre a pessoa. Mais recentemente, eu cheguei a alguns poucos casos, porque também tem algumas... tem um ponto em que, às vezes, difícil né? Pra a gente conversar com quando a coisa fica muito profundamente afetada, né? Os valores básicos, assim, é difícil continuar conversando abertamente com algumas pessoas, mas quem votou achando que era um herói, abriu os olhos. Eu acho que muitos operam uma... um distanciamento da... como político, digamos, tradicionalmente mal vistos, e não é a primeira vez que alguém se arrepende de ter votado em determinado candidato. Eu acredito que alguns, sim, sofrem conflitos, mas que a maioria vai pensar, simplesmente, “É, que droga”, né? Vai minimizar o fator responsabilidade, até porque um voto só, não elege ninguém. Então, mesma que eu tivesse votado em outro, ainda teria sido eleito, né? E ter se enganado faz parte do histórico, digamos, brasileiro. Já votou em tantos políticos que depois se arrependeu. Então, não sou muito otimista no sentido de uma conscientização de muita gente. Claro que de alguns, sem dúvida, mas acho que a maioria vai mesmo para o... Sabe aquela velha pergunta: em quem você votou nas eleições de tal ano? Quase ninguém sabe citar, aqui vai ser difícil esquecer em quem votou, mas ainda assim, falar já fui enganado com outros políticos... meio por aí. Vamos ver o que mais tem?

Alexandre Marcelo Bueno - No fundo o brasileiro gosta de ser

enganado, né?

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Eu acho que o nosso povo quer muito um paizão, um herói. E tem pouco... pouca disponibilidade para entender que a história é feita por todos nós...

Alexandre Marcelo Bueno - Exatamente... E uma sociedade se constrói pela ação de todos, pela responsabilização de todos... Beth, tem uma outra pergunta aqui da Júlia, só está Júlia #3, não o sobrenome, então eu não sei qual aluna que é, mas ela fala assim: "Obrigada, Beth, deixo aqui um abraço digital. Te ouvindo, fico pensando, quando um negro vota num racista, uma mulher vota num machista, o homossexual em um homofóbico, etc... Será que essas pessoas perderam o poder de partilhar os valores de orgulho e vergonha de suas próprias comunidades discursivas?". Acho que tem o caso, por exemplo, não é? Do Presidente da Fundação Palmares, que é uma verdadeira aberração, se me permitem dizer, mas acho que toca também nesse assunto que a Júlia colocou aqui.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - é... bom.... é... bom... é o risco de falar sobre pessoas, mas eu acho que ao contrário do Contardo Calligaris(?) diz tem mais como falar sobre isso e ele andou, inclusive, escrevendo a respeito, né? Por causa do presidente da fundação Palmares. São uns... parece... eu não entendo de psicanálise, só aquela leitura de interessado, mas que há uns mecanismos de inversão, né? Há até aquele mecanismo de identificação com o carrasco, né? Quem assistiu à série La casa de papel não é à toa que a moça que vira... que era refém e vira parte do grupo se chama Estocolmo. Há a ideia da síndrome de Estocolmo em que pessoas torturadas passam a se identificar com o torturador. Então, tem umas... uns aspectos da nossa psicologia que são muito complexos. Eu só diria aqui que quando a Júlia fala, né? "Perderam o poder de partilhar dos valores de orgulho e vergonha de suas próprias comunidades e discursivas". Eu diria que essas pessoas não se consideram dessa comunidade. Então, um homossexual que vota no homofóbico, não se considera pertencente à comunidade de homossexuais e, assim também, a mulher que vota no machista. Sei lá! É mais complicado ainda, porque não tá a feminista que vota no machista, né? Tá a mulher que vota no machista. Não existe uma comunidade de mulheres, né? Existem várias comunidades de mulheres e o negro votar no racista, é o caso do... quer dizer, parece ser né? Do presidente lá da fundação. No mínimo, ele fala que detesta o movimento negro, né? E ele certamente não se identifica com o movimento, né? Ele não tá falando do outro, mas eu não tenho ideia. Aí é para psiquiatra, psicanalista... Eu

me lembrei agora de uma propaganda antiquíssima e eu nem vou saber do quê, mas é muito simples: é que retratava o como você se vê e o como você é visto. Então, acho que era um creme de beleza não sei o quê... Ou era sobre... o peso da pessoa, mas a pessoa se olhando no espelho, ela se via bonita e depois no outro espelho era como que os outros viam a pessoa e ela não estava bonita, né? Então, vai saber se algumas dessas pessoas não olham no espelho e se veem com outras características com as que têm realmente. Isso não é discurso, já tá para área do pessoal da saúde, saúde mental, né?

Alexandre Marcelo Bueno - E precisamos, mais do que nunca, do pessoal da área da saúde para esse Brasil, né? Infelizmente...

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Sim... Uhum...

Alexandre Marcelo Bueno - Beth, você aguenta mais um pouco?

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Sim.

Alexandre Marcelo Bueno - A conversa tá muito boa e nós ainda temos umas questões muito bacanas aqui. A Sônia Clara também, nossa colega lá do Paraná, ela pergunta aqui: “Poderíamos falar que a eleição se definiu pela vergonha de votar no mesmo e, com isso, reiterar valores como o da corrupção e daí, buscar no outro essa figura do herói?”

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Eu teria bastante medo de afirmar dessa maneira, porque, entre outras coisas, a gente... quer dizer, houve muita corrupção. Não estou negando isso, mas a gente ainda não conhece o tamanho, a dimensão, o alcance das fake News que circularam naquela época. Então, se um dia a gente chegar a conhecer... Então, o votar no mesmo, digamos vai, o mesmo, naquela época, se foi como parece tão bombardeado por notícias apelando para o sentimento de indignação, ele deixou de ser o mesmo. Ele... sabe, muita gente perdeu o respeito por partidos de esquerda, por pessoas ligadas à esquerda. Eu acredito, mas é só crença, porque não tenho isso claro, que a circulação de notícias falsas, sempre, os adversários como pessoas sem caráter, o pior mal possível. Um dado, que não é nem fake News, daquele juiz do inventário da Marisa Letícia, que publicou que ela tinha 260 e não sei quantos milhões de reais na hora do inventário. E questionado, ele acabou admitindo que “Não! Isso eram as cotas. Que ela tinha, acho que era R\$ 22.000, mas ele divulgou que tinha R\$ 262 milhões, alguma coisa dessa ordem. E no lugar de R\$260 milhões, era da ordem de

R\$ 20.000. Então, parecia razoável, mesmo que ele não tenha sido mal-intencionado, o que eu acho difícil, porque acho que o juiz deve saber discernir o que que é cota de fundo de aplicação de dinheiro, ele deve fazer aplicação. Tem dinheiro para isso, né? O que é cota de fundo e o que que é o saldo em reais, mas, ainda que ele não fosse mal-intencionado, sabe parecia... aquilo circulou e muita gente acredita que era verdade. O juiz falou, né? Então, o mesmo lá já não era mais o mesmo. Então, virou tão horrível que é muito difícil... Por isso o meu medo, né? Enquanto a gente não tiver, se é que a gente vai conseguir ter, alguma clareza maior sobre o que aconteceu nesses últimos tempos para haver tanto ódio de uma parte das pessoas contra outra parte das pessoas do Brasil. A minha impressão é quase que eu fui dormir em um Brasil acordei em outro, sabe? Que teve um terremoto e separou no meio as pessoas por ideologia e aí não tem comunicação, falta fazer ponte com outro lado, mas quem tem poder tá mais interessado em bombardear pontes que tentam ser construídas. Então, né? Quem mais aqui?

Alexandre Marcelo Bueno - Beth, tem uma pergunta aqui da Vera, já que eu não estou deixando a Vera falar, né? Ela fez a pergunta aqui no chat. (risos). A Vera diz assim: “A naturalização da violência contra o outro, né? Grupos como os idosos que podem morrer, né? Porque aí haverá lucro no nosso sistema neoliberal perverso, né? Na Previdência, no caso, é motivo para essa perda da vergonha na defesa desses anti-valores?”

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Olha, eu acho que para quem defende isso, é mais vergonhoso ser pobre do que ser ladrão, do que ser velho, do que ser homossexual, sei lá! Então, pobre ele não quer ser de jeito nenhum. Então, como o valor mais importante é ter dinheiro, os outros, que possam entrar no caminho de ter dinheiro, são menores. A vida fica em segundo lugar, não disse lá o dono lá do Madero: “Ah, vão morrer cinco, sete mil pessoas. É uma pena, mas a economia não pode parar, né?” Obviamente, ele está dizendo “A economia é mais importante do que a vida”. Então, ele vai ter vergonha se a economia parar e ele ficar pobre, mas não se pessoas morrerem, porque foram trabalhar para ele. Outra filiação... Outro quadro axiológico é o que rege, digamos, as ações lá, né?

Alexandre Marcelo Bueno - Tem uma pergunta da Jéssica aqui também, que inclusive é aluna da Vera. Ela diz assim “Olá, professora Elizabeth! Muito obrigada pela sua apresentação. Li seu trabalho sobre a crise identitária dos agentes penitenciários e pensei sobre a crise dos

professores da rede pública” – Ótimo paralelo – “que também enfrentam o desamparo do Estado, desafios emocionais para lidar com os alunos e, assim como os presos, são vítimas do sistema e testam seus professores. Ou seja, fazendo uma analogia dos professores com esses agentes não valorizados pela sociedade e, ao mesmo tempo, não respeitados pela própria instituição onde trabalham. Nesse sentido, qual paixão poderia ser incentivada como estratégia para romper com esse ciclo vicioso do sistema que sempre gera vítimas?” Uau! Mais duas horas aí, hein Beth? Para poder...

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Jéssica, é uma belíssima pergunta para uma pesquisa, para uma boa reflexão. Seria leviano tentar dar uma resposta rapidinho assim. Eu acho que o exemplo dos movimentos de resistência apelando... apelando não no mal sentido tá? Appealing... Eu venho de inglês, né? Então, appeal não tem essa parte, apelar em português que tem uma carga negativa né? Então, para o sentimento de orgulho, né? O orgulho de ser professor, né? Talvez por aí, sabe? Mas, por enquanto, eu consigo imaginar alguém, se for um adesivozinho no carro, né? “Tenho orgulho de ser professor”. Eu acho que já teve alguma coisa por aí assim, mas não vai ser difícil alguém passar e falar... eu estou lembrando agora da frase que a Taís pôs aqui mais cedo, que alguém falou para ela do carrinho que ela estava dirigindo e aquilo não afetou em anda, né? Mas de alguém passar e falar “Professor... que é orgulho, sei lá, né? Que coisa para ter orgulho!” Qualquer coisa assim. Então, acha que atacar, porque não seria...

Alexandre Marcelo Bueno - “Que profissôozinha, né?”

Beth: Que profissôozinha né? Até porque... Oi, Vera?

Vera Lúcia Rodella Abriata - Que orgulho besta, né?

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Que orgulho besta... é! Já faz muito tempo na nossa sociedade em que o estudo não é mais valorizado. Quer dizer, não é que não é mais. Ele tem valorização. Perdão! Eu tô fazendo uma generalização injusta, mas que o estudo perdeu muito de sua valorização. Há muitos anos, já era corrente a colocação do tipo “Para quê que você vai perder 4 anos numa faculdade, ainda mais se for uma faculdade privada, pagando 4 anos para estudar, se você pode, com esse dinheiro, abrir um negócio e na hora já sair ganhando?”. Nossa, eu ouvi muito isso jovenzinha. Eu estou com... fazendo 60 e eu quando estava entrando na faculdade, eu ouvia muito isso. Sem contar também que eu

cheguei a ouvir que, na família, que faculdade não era coisa para moça de família, né? Mas isso é outro setor, né? Eu me dou bem com moças não de família, digamos, né? Moças de todos os tipos. Mas voltando para a desvalorização do ensino, veio todo um período com informações sobre lugares que vendiam diplomas. Então, a pessoa comprava o diploma, porque queria ter o título, mas não tava nem um pouquinho preocupada em aprender, incorporar na sua própria vida aquele aprendizado. Então, é muito amplo esse tema, mas que os professores podem ser pensados em... assim, paralelos com os agentes penitenciários, por causa do que cobra um deles e do que lhes é oferecido, né? Pensando nos agentes penitenciários que são eles os responsáveis por manter a ordem dos presídios. Mas aí vai... na hora que tá lá dentro, eles são desautorizados por superiores diante dos presos. Eles não têm caneta disponível, né? Tem que trazer de casa para anotar qual foi a infração que determinado preso fez e, lógico, sem treinamento essas coisas. O pessoal... Imagina alguém com 19 anos de idade, com primeiro emprego, sem treinamento nenhum vai ser agente de segurança penitenciária, sabe? Que estofo! Que preparo psicológico, que preparo...? Não tem! Eles são bucha de canhão também. Então fazem atrocidades? Tem quem faz mesmo, mas é o sistema todo da história do racismo. É o racismo estrutural que tem que ser combatido. Não adianta combater o racismo de fulano ou de fulana. Quer dizer, também a importa, mas você atacar fulano ou fulana é a estrutura que precisaria ser refeita e, no nosso caso, a valorização da aprendizagem, do conhecimento, sei lá! Agora, parece que com a pandemia... parece que sumiu um pouquinho de novo né? Mas só um pouco. Daqui a pouco bombardeiam de novo. Então, Jéssica, é muito grande!

Alexandre Marcelo Bueno - Não! Imagina! Desculpa! Acho até que tocando nessa questão que você falou sobre essa desvalorização do estudo na sociedade brasileira, enfim. Tem um comentário aqui do Eduardo Queirós que acho que vem... vai na mesma direção, mas ele coloca isso em outros termos e eu acho que vale a pena citarmos aqui para continuarmos com a conversa. Ele fala assim... Acho que dá pra... porque ele estava respondendo pessoas aqui no chat. Aí ele fala assim: "Acho que dá pra pensar em como os grupos inferiorizados ou minorizados adotam o discurso dominante. Não sei se é exatamente o caso de vergonha. Tem um trecho de um livro do Fanon tratando sobre o caso dos negros em que ele diz "O grupo social racializado tenta imitar o opressor e com isso desracializar-se. A raça inferior nega-se como raça diferente, partilha com a raça superior as convicções, doutrinas e tudo que lhe diz respeito.". Ou seja, parece uma tentativa

de se embranquecer como diz Fanon. Talvez o mesmo se aplique, o mesmo processo se aplique a outros grupos oprimidos, né? E eu acho que tem um pouco a ver com essa, digamos... Eu tenho estudado um pouco dessa questão do discurso hegemônico, né? Como é que esses discursos hegemônicos circulam na sociedade, determinados valores que são adotados por outras classes sociais, digamos assim né? E, com isso, orienta certas práticas como você também falou. Ah! Em vez de eu pagar uma faculdade durante quatro anos, vou tentar montar meu negócio. Enfim, essa ideologia do empreendedorismo, não é? Enfim, ou do lado da religião, aquela ideologia da prosperidade, não é? Acho que são discursos que vão, digamos, nessa linha de tentar circular valores que acabam se tornando hegemônicos de certa forma, não é?

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Eu queria aproveitar essa colocação do Eduardo, porque ela me lembrou que eu fiquei de falar sobre aquela questão colocada lá em cima, a respeito de mulata. Bom, claro! Tem toda a discussão em torno do termo mulata, né? Mas eu tive uma orientanda que fez um trabalho, uma mestranda sobre a mulata e, no caso, ela se baseou... um dos textos em que ela se baseou foi a biografia da Valéria Valença. Então, era a mulata Globeleza, mas em paralelo com uma outra afrodescendente, também mestiça, bailarina nos Estados Unidos. Bom, ela teve, inicialmente, bastante dificuldade e precisou se munir de muita coragem, porque ela até me dizia: “ela é uma mulher muito bonita e ela é o tipo físico entre aspas da mulata, né? E aquela mulher mestiça, bonita, né? E o livro da... o que incomodava a Andreia - Andreia Luiza Martins – que fez o mestrado. O que a incomodava, principalmente, era o poder de persuasão que o livro, a biografia da Valéria Valença tinha, sobre outras... sobre jovens afrodescendentes. E o discurso analisado no livro mostrava, claramente, que a Valéria Valença... Primeiro, ela citava como heróis da vida dela as pessoas que ajudaram e tudo... são homens. Quando ela citava mulher, era mulher em oposição. Era a rivalidade. Ela se referia... se refere ao marido - não sei se ainda é marido - mas como príncipe encantado, de olhos azuis! Então, faz todo o discurso da mulher, dentro da sociedade, aquela mulher que é valorizada por ser casada com Fulano, né? Então, ela casou com o príncipe encantado. Ela venceu na vida, porque ela teve a sorte de conhecer o príncipe encantado e o mundo reconheceu as qualidades que ela tinha graças a ajuda do Bonny da Globo e do príncipe encantado. Isso é fazer discurso do opressor, né? Bom, mas é... e eu tinha falado da mulata lá... Foi um problemão até conseguir resolver como usar a palavra mulata da tese, porque não dava. Não era um trabalho sobre a mulher afrodescendente. Era sobre essa figura, a mulata do Sargentelli. Sabe a... Até teve uma pessoa da banca

chegou a dizer que quando jovem entrou e começou a trabalhar num lugar e, numa festividade de fim de ano, alguém da diretoria do Lugar e falou para ela: “o que que você tá fazendo aqui, perdendo tempo sendo professora? Por que que você não vai ser mulata do Sargentelli bonita como você é? Ou seja, é o dinheiro! O dinheiro vale mais do que, né? Então, ela contou isso na banca da Andreia. Ela ouviu isso. Então, ser mulata, para muita mulher, pode ter sido uma vitória na vida, né?”

Deixa eu ver... Polarização. Ixe! Como reflete o brasileiro mundo afora? Deve refletir mal, né? A gente está proibido de ir para lá, mas com as pessoas com quem eu tenho correspondência, eu sei que eles estão conscientes, mas são pessoas ligadas à universidade, né? Não sei no geral como é que é. As pessoas com quem a gente tem contato sabem o que tá acontecendo aqui no Brasil. Temem por nós, pela Covid... O que que vai acontecer com abertura agora, né? Essa questão...

E depois... qual paixão poderia ser incentivada como estratégia... Ah! Bom, incentivar uma paixão como estratégia, eu acho que é um tipo de coisa que não passa como projeto no comitê de ética. Se alguém aqui conhece, se não conhece ainda, é bom ver! Tem um documentário chamado... eu preciso localizar aqui... Qual é o nome da professora de Psicologia... eu acho que é Olhos azuis. Blue Eyes... Como é que é o nome dela? Deixa eu ver. Blue eyes... Não, não é. Eu prometo que eu vou procurar depois e envio para Vera, para o Alexandre. O que acontece nesse documentário... quem sabe eu lembro ainda nos próximos minutos... Nos anos 60, ela entra numa classe... Bom, hoje em dia... ela teve problemas depois com aquilo. Mas naquela época, ainda não era proibido por comitê de ética nem nada. [...] Ah... outra coisa! Então, ela entra numa sala de aula de primário e diz: “Hoje tem uma medida nova É o seguinte: a escola determinou que as pessoas de olhos... eu não lembro qual que ela põe primeiro... se são as de olhos azuis ou se são as de olhos castanhos... são as são mais importantes do que as outras. Então aí, ela começa a dar aula, e se uma criança da cor do olho que é menos importante levanta a mão para falar, ela não responde. Ela se dirige para outro da cor de olho que ela quer e pergunta se aquele outro tem. Bom, sai para o intervalo {alguém talvez tenha, eu vejo que piscou alguma coisa}. Então, saem para o intervalo só aquelas crianças tratadas como especiais, como melhores pela professora começam a maltratar as outras crianças. As crianças que chegaram para o seu dia de aula, começaram a ser ignoradas pela professora, foram para o intervalo e ainda começaram a ser maltratadas pelas outras crianças. Voltam para sala de aula. Todas voltam e a professora fala “agora inverte”. As dos outros olhos têm... são

mais importantes. Será que é Blue-eyed? Acho que talvez seja isso.

Alexandre Marcelo Bueno - Beth, colocaram aqui *The eye of the storm*.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - É a ... Deixa eu ver... Como?

Alexandre Marcelo Bueno - *The eye of the storm*.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Acho que não. É Jane Elliott o nome da pesquisadora. Elliott com dois eles e dois tês. Deixa eu escrever aqui no chat. O documentário é Olhos azuis/Blue-eyed, tá? Depois, ela sofreu, inclusive, penalidade da sociedade científica, porque ela manipulou crianças. As crianças ficaram muito marcadas por aquilo. O foco dela era que ela queria colocar um grupo de crianças como oprimidas, vivendo a opressão. Outro grupo como opressor. Inverter os papéis para os dois grupos sentirem como aqueles que estão no papel de opressor podem facilmente agir sem critérios éticos, sei lá? E como que os oprimidos sofrem quando estão na posição de oprimidos. Entrevistados mais tarde, adultos alguns desses alunos dizem que aquilo marcou profundamente, mas é coisa que a comissão, o comitê de ética não permitiria fazer hoje, porque você está manipulando pessoas para obter resultados. E a gente só pode, na pesquisa, tratar as pessoas como fim, um imperativo categórico kantiano, né? Empregar a pessoa como meio é faltar com a ética. Então, não dá para pensar que tipo de... tem que ser outra questão, talvez ver que em situações, em que tal tipo de paixão é desperta, quais são as consequências... Mas o modo como a pergunta foi feita não nos permite levar adiante uma coisa... É só a gente pensa um pouquinho que a gente vê que é complicado... que significaria manipular as pessoas, né? Bom, que é o que acontece com a gente com muito das coisas que a gente recebe pelo WhatsApp, a gente tá sendo manipulado. Mas aí, ele que são marqueteiros, não são cientistas. Então, eu queria muito que tivesse um comitê de ética para... para a divulgação de propagandas e tudo mais. Tem, mas que tivesse, inclusive, tudo que circula por redes sociais. Já imaginou? Não, mas aí seria censura facilmente. Não sei. Falei sem pensar.

Alexandre Marcelo Bueno - É... poderia ser usado para perseguição em alguns casos, que é um pouco do que acontece com esse debate no judiciário com relação às fake news, não é?

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Exato! Aham!

Alexandre Marcelo Bueno - Tem mostrado algumas entrevistas com especialistas que tem alertado também sobre isso, não é? É sempre aquele dilema né? Ou a gente estabelece alguma regra de funcionamento para não ser o caos total ou, então, também corremos risco de nos excedermos aqui depois em âmbitos mais democráticos, né? Beth, eu e a Vera aqui também já sugeriu e, assim, tá sendo extremamente prazeroso conversar com você aqui... te escutar e conversar com você nessa tarde, não é? Pandêmica, mas ainda assim, bastante agradável, mas acho que nós já poderíamos encerrar, porque já vai fazer duas horas que nós estamos aqui no ar, né? Eu sei que você está com o fôlego invejável, mas (risos). Eu acho que já aproveitamos bastante aqui de você e acho que tivemos aqui uma discussão, uma conversa muito produtiva para pensarmos sobre várias das questões que têm nos angustiado neste momento, não é? Seja passionalmente, mas também seja do ponto de vista racional né? De tentarmos buscar saída para este momento e eu vou passar aqui, então, a palavra pra Vera, para a gente poder então finalizar aqui e eu queria já te agradecer e a gente ficaria aqui mais algumas horas para recuperar aquelas perguntas mais amplas que as pessoas fizeram. Mas, quem sabe não haverá outra oportunidade para que nós possamos desenvolver mais essas conversas também, tá? Muito obrigado, viu Beth. Foi um prazer enorme!

Vera Lúcia Rodella Abriata - Sim, Beth. Eu também quero agradecer muito a sua participação aqui nessa tarde que reuniu tanta gente interessada em comentar a questão, a paixão da vergonha, né? E acho que você foi muito clara e muito precisa nos exemplos que você utilizou e pela própria participação do pessoal aqui nas questões... A sua pesquisa gerou muitas reflexões e a gente só tem a agradecer a você por ter participado com a gente aqui dessa tarde. E eu vou, depois, disponibilizar para você e para quem quiser o link com a gravação. E aí, você pode passar para as outras pessoas e quem sabe até conversar individualmente ou em grupo com alguém que ainda não tenha recebido alguma resposta, mas eu acho que a grande parte das questões que foram formuladas foram respondidas e a gente tem só que te agradecer mais uma vez por estar aqui com a gente. E deixo a palavra aí para você finalizar a nossa discussão aqui, o nosso debate.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Eu reitero meus agradecimentos pelo convite. É uma grande alegria ver vocês dois. É uma pena que eu não poder ver todos, mas vejo os nomes. Agradeço a presença de todos, as perguntas... Para quem eu não pude responder, em alguns casos as perguntas eram muito amplas e em outros fogem a minha capacitação,

mas eu acho que são... eu peço desculpas, mas acho que, também, a gente, em outras ocasiões, talvez possa, no caso, a pergunta do Américo me ocorre, daria um ângulo de ataque para uma outra fala, né? Muito obrigado a todos. Eu só queria lembrar uma coisinha: para quem gosta de semiótica, que hoje às 19 horas, tem a mesa de semiótica da Abralin, tá?

Vera Lúcia Rodella Abriata - E eu quero também agradecer a presença de todo mundo. Teve momentos aqui até o final da sua fala, a gente tinha mais de 80 pessoas na sala. Então, eu quero agradecer a presença dos nossos companheiros e colegas e amigos semioticistas. E foi muito bom estar aqui com vocês. Muito obrigada pela presença de todos, tá bom? Podemos então encerrar? Obrigada, Alexandre, pela dupla aqui comigo na discussão com a Beth, no debate. A todos que estiveram presentes e um agradecimento especial para o nossos alunos que fizeram muitas questões também.

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Tchou, Alexandre! Tchou, Vera! Tchou a todos.

Vera Lúcia Rodella Abriata - Tchou pra vocês!

Elizabeth Harkot-de-la-Taille - Um beijo. Tchou!

Alexandre Marcelo Bueno - Obrigado, Beth! Tchou! Tchou!

Vera Lúcia Rodella Abriata - Um beijo pra todo mundo!